

Calmaria enganosa no mercado

WASHINGTON – O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, está convencido de que o fantasma da crise financeira mundial ainda não parou de assombrar. Ao participar de encontro promovido pelo Conselho de Assuntos Mundiais, na Filadélfia (EUA), ele advertiu que os “ares de calmaria” nos mercados globais, nas últimas semanas, são enganosos. Para Camdessus, esse aparente clima de tranquilidade, pelo menos, dá às autoridades tempo para pressionar os governos, principalmente dos países mais ricos, em defesa das reformas necessárias.

“Temos que reformar o sistema financeiro e monetário internacional para minimizar os riscos de novas crises sistêmicas”, disse o diretor-gerente do Fundo. “E também para que, em casos de crises isoladas, te-

nhamos mecanismos eficientes para agir com rapidez e evitar o contágio em outras economias”, acrescentou. “O momento é este”, avisou.

Camdessus classificou como “um exemplo de liderança” a proposta do Grupo dos Sete (G-7), que reúne os países mais ricos do mundo, de facilitar empréstimos de emergência para países prejudicados pelos efeitos da crise – e não necessariamente responsáveis pelas turbulências.

Elogios – O diretor do FMI elogiou os governos latino-americanos, citando especialmente o Brasil, que não esperaram até o último minuto para tomar as fortes decisões exigidas pelas instituições internacionais. Para ele, diferentemente de outras regiões (referindo-se à Ásia e à Rússia), a América Latina agiu com coragem.

“As nações de toda a América Latina não estão medindo esforços para rechaçar o colapso financeiro e se manter nos mercados internacionais. O Brasil é um grande exemplo”, disse, numa alusão ao esforço fiscal do governo Fernando Henrique Cardoso, empenhado em promover um ajuste de R\$ 28 bilhões nas contas públicas.

Camdessus também elogiou os governos da Coreia do Sul, Tailândia e Indonésia, que também estavam se dedicando seriamente a sanear suas finanças para, a exemplo do Brasil, renovar suas linhas de crédito com as instituições internacionais.

O diretor do Fundo insiste em que, além da redução das taxas de juros nos Estados Unidos e das medidas contra a recessão no Japão, é urgente a reforma do sistema financeiro.